

Um museu para um mártir

A peça que toda a Itália anda a ver passa pelo Festival durante três dias, de 7 a 9 de Julho.

Em *Museu Pasolini* Ascanio Celestini — actor, encenador e escritor, trinta anos de uma carreira com uma identidade própria — constrói um espectáculo ambicioso em torno de uma premissa clara: que objectos expor num museu dedicado à figura de Pier Paolo Pasolini, um dos maiores intelectuais italianos do século XX?

Pasolini, nascido em 1922, foi assassinado a 2 de Novembro de 1975. A Itália vivia o período que passou à História como “os anos de chumbo”. Uma época de atentados terroristas e raptos levados a cabo pelas Brigadas Vermelhas. Viviam-se também uma crise petrolífera que pôs fim a trinta anos de desenvolvimento económico contínuo.

Ascanio Celestini preenche o palco com vozes e objectos. Com

pequenas ficções a partir da realidade histórica, organizadas por uma linha temporal: “Trata-se de um espectáculo cronológico, para todos, de um lugar público, como se fosse um museu”, diz-nos.

Na última entrevista que deu, ao jornal francês *Le Monde*, disse Pasolini: “Escandalizar é um direito. Ficar escandalizado é um prazer”. E Celestini recupera a eficácia do polemista que, mesmo quando se contradizia nas suas opiniões, ia sempre a jogo: “Hoje em dia, quando olhamos para alguns episódios da nossa História, parece que tudo foram acasos, episódios soltos. E isso diminui-nos, na percepção de como chegámos ao que somos”.

Museu Pasolini tem um *climax*: o assassinato daquela personagem a quem Ascanio Celestini chama durante todo o espectáculo “Poeta”. E o seu corpo, abandonado pelo presumível assassino numa praia de Ostia, constituiria para o



Celestini regressa ao Festival, depois de *Fabbrica* (2004) e *Radio Clandestina* (2005)

encenador a peça central desse tal

descobrir toda a História das nossas misérias”, refere.

Uma cartografia da alma

Em *Se eu fosse Nina*, há uma actriz que, como qualquer funambulista, procura manter-se em equilíbrio e atravessar a cena. Só que, nesta peça, em vez de esticado, o fio está enredado como se fosse uma teia. E é nessa teia que Nina e o seu duplo, a actriz que a põe de pé, se emaranham e se fazem ouvir. É talvez a última oportunidade que têm para o fazer. Antes que o sol volte a nascer.

“A metáfora da vida é feita de noite”, ouve-se a dada altura. E Nina ainda acrescenta: “Nós [os actores] não conseguimos escutar quem somos”. Este recital polifónico consiste numa corrida contra o tempo, onde se acredita que as coisas podem ser diferentes até ao último sopro. E nós vamos acreditando nelas: “Podemos ser tantos numa só vida”.

Logo no início é-nos oferecido um mapa para nos orientarmos: “Nas peças de Anton Tchecov, quando aparece uma arma sabemos que tem de ser disparada”. E Nina é, claro, a gaivota. Uma ave ferida, mas também a actriz que tem uma mão e os pés enfaixados para cobrir mazelas. Feridas transferidas de Treplev, o homem que realmente amou Nina.

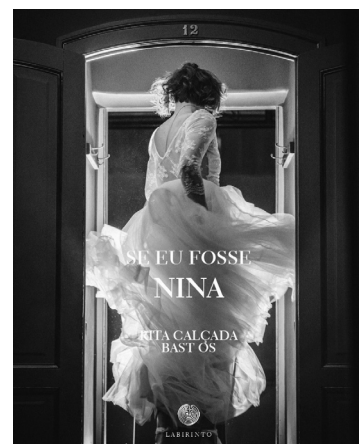
A virtude do texto e da encenação de Rita Calçada Bastos consiste na desinquietação que consegue fazer passar para os espectadores, colocando-os perante a hipótese de um dia serem confrontados com as consequências das escolhas que fazem: “Vivemos num mundo rodeado de duplicidades e mentiras ardilosas. Perante elas ficamos demasiado fracos. É assim”.

Rui Lagartinho

Nina lançada amanhã na Esplanada

Amanhã Rita Calçada Bastos será a convidada da série de Colóquios na Esplanada. Estes encontros acontecem sempre às 18 horas e são organizados em colaboração com a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

A autora e encenadora estará à conversa com a escritora Maria Quintans e com o público sobre o espectáculo *Se eu fosse Nina*, no qual a criadora se projecta na protagonista da peça *A gaivota*, de Anton Tchecov. O texto a que a actriz Carla Maciel dá corpo consiste num jogo de espelhos. Uma actriz desafia as suas ansiedades, dúvidas. A biografia possível. No final será lançado o livro que está na ori-



gem deste projecto, uma edição da Labirinto. *Se eu fosse Nina* continua em cena até Domingo 17, na Sala Experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite.

O Festival na Rádio Nacional de Espanha

O Festival de Almada esteve em destaque na edição da manhã de ontem da Rádio Nacional de Espanha (RNE), conduzida por Iñigo Alfonso.

Depois de apresentar o Festival como "uma referência europeia das artes cénicas", o programa deteve-se nas produções em língua castelhana, dando ênfase ao Espectáculo de Honra deste ano: *Miguel de Molina al desnudo*. O radialista conversou ainda com os encenadores Marco Martins e

Pedro Carraca sobre as suas criações: respectivamente, *Selvagem* e *Taco a taco*.

Nas declarações de Inês de Medeiros que podem ouvir-se no programa da RNE, a presidente da CMA afirma que "o Festival já se confunde com o próprio Município", acrescentando que "vivemos tempos, de facto, cada vez mais estranhos, dúbios e inquietantes. O espaço de resistência é a cultura, e, neste caso concreto, o teatro. Um teatro militante, no bom sen-

tido da palavra. O teatro é e será sempre sinónimo de liberdade e de partilha. De liberdade de expressão. De partilha de ideias, de valores, de sentimentos e de revoluções. Há inimigos a combater: é muito fácil identificá-los. Há valores a defender. E acho que neste momento só posso agradecer a todos os criadores, a todos os artistas, que aceitam este grande combate pela defesa dos valores básicos da democracia e da liberdade, da solidariedade e da frater-

nidade. Nós, aqui em Almada, sabemos que podemos contar com esta extraordinária Companhia e com este Festival".

E Rodrigo Francisco concluiu: "A pluralidade e o diálogo intercultural são valores que nos regem desde sempre. As pessoas que fazem teatro acreditam que só têm a ganhar com o contacto com outras culturas e outras formas de pensar. O Festival, ao longo dos anos, tem desenvolvido esta linha de pensamento".

MEU FESTIVAL

Memórias desfocadas

Falar resumidamente dum Festival intenso como o de Almada, concentrado em pouco tempo e espaços diversos, torna-se difícil, pela falta de nitidez das nossas certezas e do que se terá exactamente passado. Mas sabe bem vasculhar no "museu das memórias esquecidas" que carregamos, e descobrir momentos de plenitude.

Deparo-me com festivais dentro e fora de palco, com a travessia do Tejo, noites de festa e convívio na esplanada da Escola, petiscos e reencontros, exposições, e momentos de leveza.

Volto a entrar no *Um museu vivo*



Um museu vivo... foi Espectáculo de Honra do 33.º Festival, em 2016

de memórias pequenas e esquecidas, de Joana Craveiro, ou na Casa da Cerca, com *Hedda Gabler*, de Ibsen, num corredor com *Santa Joana dos Matadouros*, de Brecht, na plateia-palco-redondel do D. Maria com um cavalo e cheiros,

e em tantas outras peças que habitaram os meus verões. Saio com a sensação de que os meus Festivais de Almada valeram a pena.

Dina de França, 52 anos,
animadora de tempos livres

Improvisos do Espaço

Esta noite na Esplanada o jazz moderno cruza-se com alguns daqueles temas clássicos que todos conhecemos. Os elementos dos Space Jammers conhecem-se desde o segundo ciclo, e actualmente têm entre 18 e 23 anos. Estudavam em diferentes escolas de Lisboa, onde havia

núcleos da Orquestra Geração, e foi nesse contexto que aprenderam música clássica. Posteriormente, por iniciativa do Professor Eduardo Lala, foi criado o projecto Gerajazz, que os reuniu pela primeira vez.

A actual banda nasceu por iniciativa de Juvânia Gomes, que, além de tocar violino, também nunca perdia uma oportunidade para cantar — nem que fosse no *karaoke*. A dada altura resolveu arriscar, e convidou um pequeno grupo de colegas músicos da Or-



questra Geração para formarem uma banda de jazz. Foi assim que nasceu a banda Juvânia Gomes & The Gerajazz Messengers, que muito recentemente passou a chamar-se Space Jammers, em estreia no Festival.

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio
Rita Calçada Bastos
Escola D. António da Costa

20:00 | Música
Freireanas Guerreiras
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Se eu fosse Nina
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro
Museu Pasolini
Fórum Romeu Correia

21:30 | Teatro
Em casa, no zoo
Incrível Almadense

21:30 | Teatro
Eu sou a minha própria mulher
Teatro-Estúdio António Assunção

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Perna de peru c/ gengibre e laranja
Lulas recheadas c/ puré de batata

AMANHÃ
Lasanha
Pudim de peixe com maionese

